



Mulheres negras na história - Bárbara Carine

Olá pessoal, sou **Roseane Moreira** e hoje estou aqui para falar um pouco da história de mulheres negras que lutam, lideram ou atuam em prol dos direitos de mulheres negras. Hoje, vou falar sobre a **Bárbara Carine**. Bárbara Carine Soares Pinheiro nasceu na Fazenda Grande do Retiro, periferia aqui de Salvador e se auto intitula como uma **intelectual diferente**, ou seria...

Porque ela é diferenciada

(Canta aí)

Ela comanda essa parada

(Sucesso hein)

Porque ela é diferenciada

A dona da zorra, meu irmão

Incentiva as amigas

A ralar o bumbum

Ela é graduada em Química e Filosofia e tem mestrado e doutorado em ensino de Química pela UFBA. **Escritora, palestrante e professora efetiva da Universidade Federal da Bahia**. Foi finalista do prêmio Jabuti por dois anos seguidos. Recebeu o **prêmio Maria Filipa** em 2021. Hoje, Bárbara se define como uma **pesquisadora críticodecolonial, feminista, antirracista, nordestina, pagodeira, bissexual, mulher cis negra, mãe, mas também não se define**, ela não fica dentro de uma caixa. Ela prefere estar **sempre se atualizando, construindo e desconstruindo**.

O que eu acho incrível na questão da Bárbara, essa questão de dizer que *“Pesquisador tem que curtir música cult, não se permite...”*, *“Ah, como é que pode pesquisador gostar de pagode, gostar de funk, gostar de arrocha”*; que muitas vezes são vistos como músicas da favela, na periferia. E se cria esse distanciamento, e ela não, ela está lá, **ela posta vídeo dançando, se acabando mesmo** e eu acho isso maravilhoso, porque muitas vezes eu fui julgada porque eu gosto de pagode. Gosto muito das músicas, das danças. Claro, tenho a consciência que muitas dessas músicas têm um teor altamente machista, porém não são todas. Já existem diversos movimentos para tornar o pagode cada vez mais inclusivo, o respeito maior às mulheres e também tem um movimento bem bacana de mulheres no pagode, que falam sobre empoderamento, sobre posicionamento. Então não é essa a questão, o caso é **romper essas barreiras de que existe uma música da elite e uma música da periferia**.



É música, é cultura e isso não define as pessoas. Eu não sou pagode, então só porque eu sou mestra, sou especialista, não posso curtir esse tipo de música? Então ela quebra com essas barreiras e muitas outras. Uma pessoa diferenciada, não é?!

Falando um pouco mais sobre como ela se define. Ela fala que é mãe, **ela se tornou mãe através de um processo de adoção da lana** e logo ela começou a pensar: *“Que escola que eu vou colocar a lana?”*.

Apesar de **Salvador ser a cidade mais preta fora da África, a nossa educação é essencialmente eurocêntrica**. A gente não tem muito **essa questão de entender as nossas origens, entender sobre a África**, apesar da obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira. Porém, ela só é obrigatória no ensino fundamental e médio; a gente ainda tem dificuldade no ensino superior, inclusive para a formação desses profissionais.

Ela simplesmente foi lá e fez, **ela idealizou a primeira escola afro-brasileira que se chama Maria Filipa** e começou suas aulas letivas em 2019, com esse intuito de **proporcionar para a filha uma infância protegida dessas opressões de um mundo elitista, racista, sexista, lgbtfóbico, opressor**, resumindo tudo isso. Claro que também não é uma escola perfeita; cada escola também tem os seus problemas e dificuldades, é normal, mas somente a gente pensar em incluir outras questões, de falar que todos que estão ali, **brancos, pretos, indígenas, têm os mesmos direitos, as mesmas possibilidades e potencialidades, é um ambiente muito mais seguro**.

A escola não é exclusiva para pessoas negras e indígenas, ela é aberta para todos e oferece também bolsas integrais para permitir que pessoas como nós, que muitas vezes não vão ter condição de colocar o filho numa escola. Porque tem um valor, um custo mais alto, porque você precisa formar esses profissionais para estarem ali e saber lidar com todas essas questões, então, sistemas de bolsas vêm pra isso, para dar essa oportunidade e direitos iguais.

A primeira escola fica localizada aqui no bairro do Garcia, em Salvador. E, para o próximo ano, já vai ter opção, vai ter **a segunda unidade no Rio de Janeiro**. Essa mulher arrasa! Falando sobre arrasar, ela já **publicou mais de 34 artigos em periódicos, tem mais 10 livros escritos e assinatura em mais de 21 capítulos de livros**. Além de ter orientado cerca de 50 trabalhos de conclusão de curso, 13 dissertações de mestrado e 5 de doutorado, sem falar nos que ainda estão em andamento.



Como é que tem tempo pra tudo isso senhor?

Mas ela é maravilhosa, uma coisa que me encanta muito no posicionamento dela no Instagram é **falar sobre essa educação antirracista, sobre questões de diversidade, gênero, racismo de uma forma tranquila, leve, direto ao ponto.** Convido vocês a conhecer mais sobre o perfil dessa mulher maravilhosa - **Bárbara Carine.**

Gente, foi muito difícil escolher só uma mulher, são muitas personalidades incríveis. Eu convido vocês pra conhecer o perfil da Dra. Jaqueline Goes, pesquisadora que fez o sequenciamento do COVID; a Dra. Joilda Nery, do Instituto de Saúde Coletiva, que trabalha com doenças da população negra; e a Dra. Isa Neves, que trabalha com tecnologia, fazendo inclusão digital lá na UFBA.

*“Ah, Rose, você só fala sobre pesquisadora, que é isso?” “Talvez, vou fazer um exercício bem rápido: **Quantas professoras negras você teve na faculdade?**”*

Pois, eu **só tive uma.** E não é somente eu que tenho observado isso não. Esse estudo aqui embaixo fez um perfil racial da docência e revelou que na Universidade Federal de Brasília, dos mais de **2.800 professores da instituição, somente 7% eram mulheres negras, pretas e pardas.** Esse cenário também é observado na Universidade Federal da Bahia, onde eu estudei. **Docentes negros e negras correspondem a somente 18,85% do total de 1.252 professores** em somente duas áreas do conhecimento. Entende?

É sobre isso que a gente tá falando, claro que existe um processo, maior acesso à educação, das cotas, mas **quando você não enxerga professores do outro lado, você não vê essa possibilidade, você não vê que é possível estar lá também.**

Eu presenciei a posse da professora Dandara Ramos lá no Instituto de Saúde Coletiva e a professora Joilda ficou muito feliz, porque lá no campo docente só existem cerca de 40 professores e somente três são profissionais negros.

Precisamos **falar mais sobre isso, dar acesso, oportunidade, ter mais referências e são tantas mulheres incríveis.** Claro que eu vou falar de algumas que também não são pesquisadores como: Monique Evelyn, nosso tubarão Shark tank; a Karine Alcanda, da Alcanda Educação Empreendedora.



A Danielle Marques, ela tem um projeto chamado “Do silêncio ao silício”, que vai levar 10 alfas empreendedoras para o Vale do Silício, pois ela teve a experiência de ir lá e não viu diversidade. E adivinha só, gente?

Eu sou uma dessas dez alfas empreendedoras, então me sigam lá no Instagram para acompanhar como é que vai ser todo esse processo. Por último, porém não menos importante, a Bibiana Leite que trabalha aqui no YouTube. Conheça um pouquinho da história dela, de como foram todos os processos até ela conseguir trabalhar numa multinacional e desenvolver programas para a diversidade, aqui no YouTube também.

Gente, maravilhoso participar aqui com vocês. Muito obrigada, Criola pela oportunidade, me digam gente e vocês gostaram? Será que ainda dá tempo de virar youtuber?

Me fala se já conheciam a Bárbara, se já conheciam os outros perfis, coloquem aqui mais indicações de perfis interessantes também, para que a gente possa estar trocando essas figurinhas e mostrando o potencial que essas mulheres têm.

Muito obrigada pela oportunidade, até a próxima, tchau.

Ops, ainda não, vou deixar aqui algumas indicações de séries e filmes de mulheres negras que contaram sua história de luta e de superação: 'Estrelas além do tempo', 'Selfmade' e 'Minha História - Michelle Obama'.

Agora tchau, até a próxima gente, foi maravilhoso! Tchau.